UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: Um estudo do tipo "estado do conhecimento"

Thamirez Bruna Alves de Menezes

Mariana, MG

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

THAMIREZ BRUNA ALVES DE MENEZES

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: Um estudo do tipo "estado do conhecimento"

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de Mapeamento apresentado à disciplina de Monografia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Pedadogo(a).
Orientação: Profª. Drª. Paula Cristina de Almeida Rodrigues
Profa da disciplina de monografia: Rosa Coutrim

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M543o Menezes, Thamirez Bruna Alves de .
O processo de alfabetização e letramento de crianças autistas [manuscrito]: um estudo do tipo “estado do conhecimento”. / Thamirez Bruna Alves de Menezes. - 2021.
50 f.: . + Quadro.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristina de Almeida Rodrigues.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Transtornos do espectro autista. I. Rodrigues, Paula Cristina de Almeida. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 376.42

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thamirez Bruna Alves de Menezes

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: Um estudo do tipo “estado do conhecimento”

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 17 de agosto de 2021

Membros da banca

[Doutora em Educação] - Paula Cristina de Almeida Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)

Paula Cristina de Almeida Rodrigues, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/10/2021

Documento assinado eletronicamente por **Paula Cristina de Almeida Rodrigues**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/10/2021, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0232457** e o código CRC **22C21F7F**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.010849/2021-11 SEI nº 0232457

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

RESUMO

As políticas educacionais vêm se modificando a partir da década de 90, num movimento de garantir o direito à educação inclusiva de qualidade a todos os estudantes, sobretudo, para atender a demanda de pessoas com necessidades especiais. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento é uma preocupação dos professores e familiares. Pensar nesse processo sob a perspectiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se faz necessário, uma vez que estes são acometidos por limitações em fatores fundamentais para a alfabetização, como a linguagem e comunicação. Por esse motivo, esse trabalho teve como objetivo principal mapear e analisar teses e dissertações que discorreram sobre o processo de alfabetização e letramento de crianças autistas, identificando estratégias de ensino, possíveis desafios e métodos alfabetizadores utilizados. Para isso foi realizado um mapeamento bibliográfico nos sites da CAPES e BDTD com um recorte temporal dos últimos 10 anos. A análise se deu a partir de questões norteadoras elaboradas pela autora, de forma a categorizar os dados obtidos a partir dos objetivos específicos elaborados. Portanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, utilizando método qualitativo para elaborar as discussões e análises. Os resultados obtidos apontam para diversos fatores que podem vir a comprometer o alcance da alfabetização pelos alunos autistas como as limitações e comprometimentos decorrentes do TEA, a falta de conhecimentos por parte dos docentes, até fatores externos ao ambiente escolar como a participação dos pais e o acompanhamento multidisciplinar. Apesar dos achados serem de grande valia para a formação inicial e continuada de professores para lidar com alunos autistas, ainda são escassas as produções no meio acadêmico que tangenciam o tema deste estado do conhecimento, o que corrobora para estudos futuros.

Palavras chaves: Alfabetização e Letramento; Transtorno do Espectro Autista; Práticas de ensino; Aquisição da língua escrita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4

PERCURSO METODOLÓGICO 8

ANÁLISES 12

Concepção sobre o Transtorno do Espectro Autista 12

Concepção de Alfabetização e Letramento 15

Desafios identificados no processo de alfabetização e letramento de autistas 18

Interferências nas práticas pedagógicas e/ou alcance da alfabetização à partir dos níveis de comprometimento do TEA 19

Alcance da alfabetização por alunos autistas 21

Fatores extrínsecos ao ambiente escolar que influenciam no alcance da alfabetização e letramento de crianças autistas 23

Estratégias metodológicas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de crianças autistas 24

CONSIDERAÇÕES FINAIS 28

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 30

APÊNDICES 32

APÊNDICE A - Quadro de trabalhos encontrados nos sites da CAPES e BDTD 32

APÊNDICE B - Quadro síntese dos primeiros trabalhos pré-selecionados contendo objetivo, metodologias e principais resultados 38

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem assumido um papel de destaque no panorama das políticas governamentais brasileiras, principalmente a partir da década de 1990, em que se pode verificar o fortalecimento do discurso e de propostas que revelam a intenção de garantir um ensino inclusivo e de qualidade para todos, rompendo com práticas excludentes e segregacionistas anteriormente recorrentes.

Prevista na legislação, a Educação Inclusiva implica em uma mudança total do sistema de ensino, para que todo e qualquer aluno, independente de suas necessidades especiais, seja assistido no sistema regular de ensino. Como apontado por Mantoan (2003), o objetivo é que seja feita a inclusão total e incondicional dos sujeitos, independentemente de suas capacidades e limitações. Sendo assim, devemos ter uma mudança do sistema de ensino por completo, garantindo que não seja necessário a adaptação a partir do aluno, mas sim o inverso.

Para que a educação inclusiva cumpra com excelência os direitos dos sujeitos a quem essa é designada, é necessário romper com um desafio iminente, a formação dos professores. Agapito e Ribeiro (2014) ao discutirem sobre a formação de professores citam Freitas (2006), pois esse acredita que nos cursos de formação de professores, o currículo nem sempre aborda conhecimentos, habilidades e competências suficientes para os futuros docentes exercerem uma prática inclusiva, que atinja a todos os alunos.

Pensando nos contextos dos mais variados tipos de deficiências e transtornos, há o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tem sido muito discutido na última década, não só no meio acadêmico, mas na sociedade como um todo, por seu vasto espectro e diversas características que o compõe.

De acordo com a Associação Psiquiátrica Americana (APA), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5 ª edição, American Psychiatric Association, 2014), classifica o transtorno do espectro autista como pertencente à categoria dos chamados Transtornos do Neurodesenvolvimento, em que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação e interação social, em diversos contextos e diferentes níveis de gravidade. Além da presença de padrões restritos e repetitivos interesses, comportamentos e atividades, que prejudicam suas atividades diárias, é comum vir associados com outras comorbidades como deficiência intelectual e transtorno estrutural da linguagem. De acordo com o manual, o TEA passou a abarcar diversos transtornos que anteriormente eram nomeados diferentemente, como: autismo atípico, autismo infantil, autismo infantil precoce, transtorno de Asperger, transtornos globais do desenvolvimento (sem outra especificação), entre outros. Evidencia-se, que com o

vasto quadro de características e representações acerca do transtorno, chegou-se à nomenclatura atual, de espectro.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é identificado especificamente por meio de exames laboratoriais, tornando seu diagnóstico dependente de padrões observáveis. Vale a pena salientar, que o TEA não se enquadra como uma patologia, portanto não há indícios de curas, e suas causas não são totalmente conhecidas. Contudo, em termos legais, a lei que regulamenta a proteção e direitos da pessoa com TEA, Lei nº12.764 de 2012, em seu Art.1º §2º, reconhece o transtorno como uma deficiência (BRASIL, 2012). Esse fato corrobora para o direito dos infantes com TEA a frequentarem além do ensino regular, o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A escola no que lhe concerne, ser um espaço a qual tem o dever de incluir a todos, passa a ser um importante ambiente possível de se identificar as características deste transtorno, visto que a depender do grau de comprometimento, como em casos muito leves, os padrões observáveis e as características do transtorno, podem passar despercebidos por outras entidades, como a família. Desse modo, o ambiente escolar, em especial os professores, se tornam importantes agentes protagonistas nesse processo de identificação.

No processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento, os professores precisam ficar atentos às diversidades e especificidades das crianças que tem TEA, pois é preciso buscar diferentes práticas e metodologias para que elas tenham melhores desempenhos. No que tange a educação regular nos anos iniciais, é sabido o quão importante é a aprendizagem da alfabetização e letramento na vida dos estudantes, preparando-os para dar continuidade às habilidades posteriores do processo de escolarização. Entende-se por alfabetização a ação de alfabetizar, tornar o indivíduo alfabeto, ou seja, capaz de codificar e decodificar a língua escrita, no mais grosso modo de dizer, ensinar a ler e escrever. O letramento, por sua vez, é o uso que o indivíduo faz da leitura e da escrita nas mais variadas práticas sociais. Esse conceito fica claro em Soares (2004), quando esta corrobora que é necessário dar condições para que a criança tenha acesso a cultura da escrita, propiciando habilidades de codificação e decodificação do sistema de escrita, ao mesmo passo em que se faz o uso real dessa escrita, empregando todas as funções desta na sociedade em busca da cidadania.

Nesse sentido, Soares (2021) pontua que a alfabetização e letramento, têm suas diferenças e especificidades, mas são processos de ensino e aprendizagem que devem acontecer de forma concomitante, ou seja, a criança deve sim aprender a ler e escrever, porém o processo não deve se limitar apenas a isso, é importante que ela domine em conjunto, o uso dessas habilidades

básicas de leitura e escrita, para assim poder participar dos eventos de letramento que ocorrem em nossa sociedade. Discussões sobre os métodos e práticas que façam com que as crianças avancem na alfabetização e letramento se fazem recorrentes.

Quando pensamos nos processos de ensino e aprendizagem de crianças neuroatípicas, como o caso dos autistas, entende-se que estes se tornam um pouco mais complexos, devido às suas especificidades. Assim como Cunha (2014) pontua, a criança típica aprende de várias maneiras interacionais, ela aprende vivendo, já para a criança autista, ocorre um pouco diferente. A relação que o cérebro desse indivíduo mantém com os sentidos e as informações, nem sempre se concretizam em conhecimento, por isso é de fato necessário conhecer as características do transtorno para que se possa pensar estratégias diferenciadas.

O número de diagnósticos de crianças acometidas pelo Transtorno do Espectro Autista, vem aumentando significativamente nos últimos tempos. Como visto nos estudos feitos por Pinto e Colaboradores (2016), mundialmente estima-se que há cerca de 70 casos para cada 10.000 habitantes. No Brasil, por sua vez, os últimos índices até então mostravam que cerca de 27,2 a cada 10.000 habitantes são diagnosticados com o TEA, afirmam os autores. A elevação dos índices pode se justificar por um maior conhecimento por parte dos profissionais, da sociedade e dos pais sobre o TEA, e consequentemente ampliação dos critérios de diagnósticos conforme aqui já foi mencionado.

Considerando a sala de aula um campo heterogêneo onde cada criança aprende de uma forma, e tendo em vista o direito da criança autista à matrícula no ensino regular, é preciso ter em mente diferentes estratégias e metodologias capazes de propiciar a aprendizagem e consequentemente, a aquisição da escrita e seu uso, de forma efetiva e significativa. Estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento de indivíduos neurotípicos são recorrentes há diversas décadas. Por conseguinte, é considerado um campo de estudo complexo, que envolve diversas facetas, tanto no campo linguístico, quanto no interacional e sociocultural (SOARES, 2019). Isto posto, presume-se que alfabetizar e letrar uma criança autista, que necessitam de uma prática diferenciada, devido aos seus comprometimentos, seja ainda mais desafiador.

Tendo em vista o crescente número de diagnósticos de crianças autistas, considerando que estas estarão matriculadas no ensino regular, e pensando em como propiciar a alfabetização e letramento das mesmas, este trabalho justifica-se por buscar contribuir para a formação inicial e continuada de professores que possam vir a ensinar, alfabetizar e letrar crianças com TEA no ensino regular, visto o poder de compilado de um estudo do tipo “estado do conhecimento”.

Portanto, considerando o contexto aqui apresentado, este estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo “estado do conhecimento” que teve como objetivo geral, mapear e analisar teses e dissertações de pesquisadores que investigaram as estratégias de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização e letramento de crianças autistas, nos últimos 10 anos, nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTB). Os objetivos específico delimitados foram de identificar pesquisas que contribuam para a formação continuada de professores no que tange a alfabetização e letramento de crianças autistas; analisar pesquisas que discorreram sobre o desenvolvimento das crianças autistas em processo de alfabetização; investigar teses e dissertações que analisaram procedimentos de ensino e os desafios dos professores alfabetizadores em lidar com crianças autistas; E por fim, identificar os métodos de alfabetização utilizados com crianças autistas nessas pesquisas.

Realizar esse levantamento possibilitou contribuir para a organização e análise do que já se conhece a respeito da alfabetização e letramento de crianças autistas no que tange o ensino regular, não se restringindo apenas a identificá-las, mas analisar, categorizar e revelar os diferentes enfoques e perspectivas, identificando as lacunas existentes, o que pode servir para estudos futuros.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para investigar a temática proposta, foi realizado um mapeamento das produções que tratam da alfabetização e letramento de crianças autistas. Esse tipo de pesquisa favorece para a compreensão de como estão se dando as produções de conhecimento sob essa perspectiva. O tipo de trabalho, com base em mapeamento de pesquisas, pode ser denominado como "estado da arte", que segundo Ramonowski e Ens (2006, p. 39)

> Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Por hora analisamos apenas teses e dissertações de dois bancos de dados, restringindo assim a fonte de publicações. Segundo Ramonowski e Ens (2006) quando o estudo se dedica à trazer o tema sob a perspectiva de apenas um setor de publicação, passa a ser chamado de "estado do conhecimento".

Acredita-se que a contribuição e a importância de se fazer um balanço sobre as produções que tratam da temática apresentada, amplia as reflexões e debates na área da educação. Este trabalho, portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, que irá utilizar o método qualitativo para elaborar as discussões e análises. A escolha por esse tipo de pesquisa aconteceu porque permitiu uma análise mais descritiva e analítica, possibilitando assim identificar diversos aspectos nas pesquisas já realizadas no que tange a alfabetização e letramento de crianças com TEA. A análise aconteceu a partir da categorização das questões apresentadas nos trabalhos que compõem este estudo.

A primeira etapa, foi realizar o levantamento bibliográfico de teses e dissertações de dois bancos de dados, o da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando do mecanismo de busca, com as seguintes palavras chaves: "Alfabetização e Autismo", "Alfabetização e Letramento de Autistas", "Alfabetização de Autistas", "Aquisição da escrita e Autismo", "Alfabetização e Autismo e Inclusão", "Alfabetização e Letramento e TEA", "Alfabetização e TEA". Realizamos ainda, um recorte temporal de 10 anos, ou seja, do período de 2010 – 2020.

De acordo com os descritores utilizados, localizamos cerca de 51 (cinquenta e um) trabalhos de diversas instituições brasileiras, como: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade FEEVALE, entre

outras. Os dados foram dispostos em um quadro inicial, o qual encontra-se no APÊNDICE A.

Ao fazer a leitura dos resumos dos 51 trabalhos encontrados, percebeu-se que grande parte das publicações, não permeavam à triangulação de dados que este estudo busca analisar, perpassando por áreas do ensino da matemática, ciências, entre outros. Em virtude disso foi selecionado inicialmente, 12 (doze) dissertações e 1 (uma) tese, dispostas no QUADRO 1 abaixo.

Quadro 1 – Pré-seleção de Textos para Compor o "Estado Do Conhecimento" sobre Alfabetização e Letramento de Crianças Autistas.

	Título	**Autor**	**Ano**	**Instituição**	**Categoria**
1	Síndrome De Asperger: Práticas Inclusivas No Processo De Alfabetização/Letramento	Daniele Lúcia De Freitas Bruno	2016	UNIGRANRIO	Dissertação
2	Validação Empírica De Uma Abordagem Para Alfabetização De Autistas Utilizando Aplicativos Para Dispositivos Móveis	Ezequiel Batista Farias	2017	UFAL	Dissertação
3	Um Aplicativo Para Auxiliar Na Alfabetização De Indivíduos Com Autismo	Pedro De Moura Garcia	2018	UFSM	Dissertação
4	Contribuições Do Uso De Atividades Lúdicas Em Sala De Aula, Para O Desenvolvimento E Aprendizagem De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea): Uma Intervenção No Contexto Escolar	Mariana Campos Pinho	2018	UFPEL	Dissertação
5	Jogos Adaptados Com Comunicação Alternativa: Mediação No Letramento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	Bianca Nunes Peixoto	2018	UFRGS	Dissertação
6	Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista: Representações Do Professor	Nara Raquel Cavalcanti Lima	2019	UFPE	Dissertação
7	Aplicativo Aca (Aprendendo Com Comunicação Alternativa) Para Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	Maria Renata De Mira Gobbo	2019	UEL	Dissertação
8	Jogo Assistivo Para Auxiliar No Processo De Alfabetização De Crianças Com Transtornos Do Espectro Do Autismo	Maicris Fernandes	2019	PUCPR	Dissertação

9	Vestindo Os Óculos Da Pedagogia Waldorf: Inclusão, Alfabetização E Transtorno Do Espectro Autista	Priscila Hikaru Shibukawa	2020	UNESP	Dissertação
10	A Contribuição De Um Trabalho Personalizado Ao Processo De Letramento E De Alfabetização De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista - Tea	Aline Aguiar De Carvalho	2020	Universidade FEEVALE	Dissertação
11	Desafios Da Inclusão: Alfabetização De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea)	Aluana Xavier De Lima	2020	UNISA	Dissertação
12	O Ensino Personalizado E O Protagonismo De Uma Criança Com Tea Em Processo De Alfabetização	Karine De Almeida Peters Bohrer	2020	Universidade FEEVALE	Dissertação
13	Transtorno Do Espectro Do Autismo E Integração Sensorial: O Processo De Aquisição Da Leitura E Escrita Em Uma Abordagem Responsiva De Aprendizagem	Paula Edicleia Franca Bacaro	2020	UEM	Tese

Fonte: Elaboração do autor (2021)

Ao analisar os objetivos, metodologias e principais resultados de cada trabalho, percebeu-se que alguns estudos priorizavam as discussões a partir da área tecnológica, conforme é possível averiguar nos dados expostos no quadro do APÊNDICE B. Sendo assim, não atenderiam aos pré-requisitos delimitados pelos objetivos específicos. Por conseguinte, apenas 8(oito) dos 13(treze) trabalhos pré-selecionados, sendo 7 dissertações e 1 tese, compõem este estudo. Foi observado que a maior parte dos trabalhos selecionados utilizaram-se de metodologias do tipo estudo de caso, intervenções e pesquisas exploratórias, o que contribui para levantar dados importantes do que estão sendo produzidos a partir do que concerne à alfabetização e letramento de autistas.

Na segunda etapa metodológica, realizou-se a leitura e o fichamento dos 8 trabalhos selecionados. A fim de organizar e orientar a leitura dos textos, foram elaboradas algumas questões norteadoras, para que assim posteriormente, pudesse ser feita uma categorização dos temas relevantes e por fim, analisá-los conforme as respostas obtidas. As questões norteadoras elaboradas foram: 1. Qual a concepção acerca do Transtorno do Espectro do Autista? 2. Qual a concepção de alfabetização e letramento? 3. Quais os desafios identificados pelos professores para alfabetizar alunos autistas? 4. O nível de comprometimento interfere nas práticas

pedagógicas e/ou no alcance da alfabetização desses sujeitos? 5. O uso de atividades lúdicas e/ou personalizadas é capaz de interferir no processo de alfabetização dos alunos com TEA? Em que medida? 6. Todos os alunos autistas conseguem ser alfabetizados? 7. Como se dá o processo de alfabetização de uma criança autista? Há algum método de alfabetização específico usado pelas professoras para que os alunos autistas desenvolvam a escrita e leitura? Qual estratégia as professoras utilizam para fazer com que os alunos autistas avancem em suas aprendizagens? 8. Há outros fatores extrínsecos ao ambiente escolar que influenciam na alfabetização e letramento dos autistas?

Não foram encontradas respostas a todas as questões propostas, contudo, verificou-se que grande parte dos achados contemplavam de alguma forma as questões norteadoras, o que gerou as análises categóricas que se seguem.

ANÁLISES

Concepção sobre o Transtorno do Espectro Autista

Conforme já foi apresentado, um dos objetivos é analisar como as produções de mestrado e doutorado têm trabalhado sobre o tema do processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento com crianças autistas. Para tanto, a primeira categoria de análise se deu em identificar as semelhanças e diferenças sobre a concepção do TEA nos trabalhos selecionados para esse "estado do conhecimento".

A definição do termo autismo, que se origina do grego autós, o qual significa "de si mesmo", passou por mudanças ao longo do tempo. Desde os primeiros autores que mencionaram sobre a condição, como E. Bleuler que descrevia o quadro de pessoas esquizofrênicas, caracterizadas como pessoas que se distanciavam da realidade e se retraiam, passando por Kanner que publicou os primeiros estudos acerca do autismo, e até os manuais de saúde mais recentes como CID, DSM, e as leis inclusivas e educacionais (CUNHA, 2014). Esse contexto histórico sobre a definição do transtorno, esteve presente em quase todos os trabalhos analisados, pois percebe-se que apesar do autismo estar sempre ligado a área médica, é importante os atores da área educacional estarem cientes da definição e das variações que vem ocorrendo em sua categorização, para assim poder pensar em intervenções significativas para os sujeitos em questão. Corroborando com essa ideia, Bacaro (2020, p. 23) afirma: "É importante conhecer a forma como se lauda o TEA não com o propósito de explicar um atraso ou de culpabilizar o sujeito, mas para garantir os direitos e para definir as estratégias de intervenção."

Observou-se em todos os trabalhos analisados, que foram utilizados alguns manuais de saúde para tratar da definição, características e/ou níveis de comprometimentos do transtorno do espectro autista, em especial o DSM 5 - APA (2014), o qual compõe o referencial teórico de todos eles. Por se tratar de um manual de saúde, o DSM é mais empregado na área médica, contudo oferece ao leitor (qualquer que seja) a possibilidade de interpretação dos traços característicos e consequentemente a procura por orientação profissional a partir de critérios observáveis. Temos assim, a definição mais recente para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) sendo um distúrbio do desenvolvimento neurológico, ou seja, do neurodesenvolvimento.

> De acordo com o DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes síndromes marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem manifestar-se em conjunto ou isoladamente. São elas: dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no

> uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo (BRUNO, 2016, p.32).

Vale ressaltar que, o termo espectro, passou a ser tratado nessa última versão do manual, englobando assim, uma variedade de condições associadas, sintomas e características, que vão desde as mais leves até as mais severas (BRUNO, 2016). Nas versões anteriores eram denominados como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento DSM III (1980) e Transtornos Globais do Desenvolvimento - DSM IV (1994), com diferentes quadros autísticos, como Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger. Fora a modificação na nomenclatura, os sintomas e os critérios de diagnósticos foram alterados e ampliados, tendo-se assim na versão mais atual, DSM-5, a terminologia do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual engloba o Autismo, os Transtornos Globais do Desenvolvimento SOE (sem outras especificações) e a Síndrome de Asperger (BACARO, 2020). Conhecer o espectro e suas características, bem como os aspectos que podem ser prejudicados no desenvolvimento da criança, cria oportunidades para que os profissionais da educação e saúde, possam traçar as melhores estratégias, constituírem plano de intervenção personalizado e realizar as adaptações curriculares que forem necessárias para o desenvolvimento destes (BOHRER, 2020).

Quanto ao diagnóstico, fica evidente que por se tratar de um transtorno do desenvolvimento neurológico, não é condicionado a traços físicos (BRUNO, 2016) e muito menos a exames laboratoriais, o que torna sua determinação abarcada em observações comportamentais e análises dos critérios do quadro autístico (SHIBUKAWA, 2020). Todavia, muito tem se falado sobre a importância de se ter um diagnóstico, e consequentemente uma intervenção precoce (BACARO, 2020; CARVALHO, 2020; PINHO, 2018) o que favorece significativamente o desenvolvimento da criança, visto a maior plasticidade neuronal (BACARO, 2020; CARVALHO, 2020).

O autismo é um transtorno com causas ainda desconhecidas, não se chegaram a uma conclusão unânime (BACARO, 2020; SHIBUKAWA, 2020), contudo os sintomas podem surgir desde os primeiros meses de vida, ficando mais aparentes e perceptíveis por volta dos dois/três anos de idade (CUNHA, 2014).

No texto de Bacaro (2020) observou-se que a autora faz menção ao TEA como uma patologia, conforme pode-se observar nas seguintes citações: “O objetivo deste tópico não é apresentar a história das causas do TEA, mas se ater às discussões mais atuais acerca dessa patologia, [...]” (p.27) “É claro que os sintomas do TEA e as especificidades da patologia podem comprometer a aquisição das habilidades[...]” (p.55). No entanto, concordamos com Carvalho

(2020), que apesar de muito se falar dos benefícios do diagnóstico/intervenções precoces, o transtorno do espectro autista não tem cura, o que o torna uma condição permanente, não podendo então ser considerado uma doença/patologia. Vê-se assim, uma incompatibilidade de nomeações. Nos demais trabalhos não foram achados uso dessa nomenclatura errônea para se referir ao TEA.

Mesmo que os autores dos trabalhos analisados tenham citado autores diversos como Lampreia (2016), Dawson et al, (2010), Pinto et al (2016); Ribeiro (2016), Zilbovicius, Meresse e Boddaert (2006), Bosa (2002), Rodrigues e Angelucci (2018), Sant'ana e Santos (2015), Nascimento; Cruz (2015), Gauderer (1985), e outros manuais de saúde, que tratam sobre a definição, principais características, e questões relacionadas com o TEA, percebe-se que todos vão de encontro com o que é definido no DSM-5, já mencionado aqui.

Ademais, foram citados outros teóricos como Vygotsky, Wallon e Piaget, como forma de abordar a importância da interação sociocultural, a mediação e o elo afetivo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O que de certa forma torna-se necessário quando estamos falando de pessoas como os autistas que possuem limitações na tríade comportamental (dificuldade de interação social, de comunicação oral ou corporal e padrões de comportamento repetitivo), podendo prejudicar seu contato com o meio (BOHRER, 2020; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018). Também foi discorrido sobre a importância de os docentes terem a plena consciência da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)[1], conceito presente em Vygotsky, assim é possível traçar as melhores intervenções pedagógicas fazendo com que a criança autista avance em suas aprendizagens (CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018).

Um outro ponto importante que foi abordado nos trabalhos de Bruno (2016), Pinho (2018), Lima (2019) e Shibukawa (2020) é sobre as teorias científicas que norteiam e explicam o funcionamento cognitivo e consequentemente as dificuldades e desafios que os autistas têm em fazer processos complexos de interpretação, compreensão e abstração, são elas a Teoria da Mente, a Coerência Central e as Funções Executivas[2]. Compreender essas teorias científicas,

[1] Segundo Vygotsky (1984), a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a distância entre a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) e a Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP) de uma criança, ou seja, é a diferença entre aquilo que ela já conhece e consegue realizar sozinha, daquilo que embora ela ainda não consiga realizar, com a ajuda de outra pessoa chega-se ao aprendizado (LIMA,2020).

[2] A Teoria da Mente diz respeito à habilidade humana de reconhecer os seus próprios eventos mentais e de outras pessoas, compreendendo e predizendo comportamentos. A Coerência Central é a capacidade que temos de relacionar os estímulos e as informações do meio, conseguindo centrar no todo e não nas partes. E as Funções Executivas dizem respeito aos processos cognitivos que fundamentam a organização e adaptação do comportamento do indivíduo ao ambiente que está em constante mudança (LIMA,2019).

viabiliza o docente a entender alguns comportamentos da criança autista, podendo nortear práticas e estratégias pedagógicas mais apropriadas para estes (LIMA, 2019).

Pensando nas concepções sobre o Autismo encontradas nos trabalhos analisados, não poderíamos deixar de mencionar a respeito de um achado nos trabalhos de Pinho (2018) e Lima (2019), sobre a representação social dos professores acerca do transtorno do espectro autista. Pinho (2018) em sua pesquisa bibliográfica, cita o trabalho de Araújo (2015) o qual percebeu que os docentes apresentam poucos conhecimentos acerca do TEA, o que prejudica suas estratégias de trabalhos com esses alunos. Já Lima (2019) explora toda essa representação social por parte dos professores sobre o TEA em seu trabalho, e um dos seus achados constata que

> As professoras demonstraram não ver relação existente entre as duas funções (interação social e comunicação) com a alfabetização de crianças com TEA. Em outras palavras, não percebem que essas duas funções estão entrelaçadas e são necessárias para o alcance à alfabetização. (LIMA, 2019, p.79).

Considerando a teoria de Vygotsky, o qual acredita que a interação com os outros e a relação com o meio social propiciam a aprendizagem, ressalta-se que a interação social e a comunicação são base da tríade de comprometimentos que acometem os autistas. Não perceber esses fatores como influenciadores no processo de alfabetização e letramento pode inviabilizar estratégias significativas para o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças.

No próximo tópico serão apresentadas as definições de alfabetização e letramento presentes nos trabalhos analisados.

Concepção de Alfabetização e Letramento

Analisar os processos de alfabetização e letramento de crianças autistas envolve diferentes pontos sobre os processos de ensino. Compreender sobre o transtorno se faz necessário, por outro lado entender sobre a concepção de alfabetização e letramento também é relevante. Portanto, vejamos como os trabalhos analisados embasaram-se acerca desses dois processos que permeiam a aquisição do sistema de escrita.

Tradicionalmente, no processo de escolarização, em específico o de alfabetização, almeja-se que o educando alcance o nível de aprendizagem da língua escrita, dominando o sistema de representação alfabético e ortográfico (SHIBUKAWA, 2020). Ao falar sobre os processos de alfabetização e letramento, uma referência quase unânime em todos os trabalhos, foi a de Magda Soares. Soares é uma pesquisadora brasileira consagrada na área da educação, que apresenta o conceito de alfabetização e letramento de forma clara em várias de suas obras.

Para a autora, “alfabetização - Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades- necessárias para a prática da leitura e da escrita:[...]” (SOARES, 2021, p.27). Bohrer (2020, p.23) sistematiza o conceito apresentado por Soares (2006), “[...] compreende-se que alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema de representação dos sons da fala, ou seja, da forma como transformamos os sons da fala (fonemas) em letras ou grafemas.”

Lima (2020) se embasando também em Soares (2011), apresenta duas dimensões que atualmente são tratadas quando falamos do termo alfabetização, uma que remete a alfabetização enquanto tecnologia, que demanda um conjunto de conhecimentos específicos, e a outra que se refere ao letramento, onde este configura-se como o domínio do uso da escrita enquanto uma linguagem, no qual o educando extrairá os significados necessários para transitar em uma sociedade letrada, ou seja, terá condições de inserir-se nas diversas práticas sociais através do uso

Autores como Rojo, Street, Gadotti, Cabral, Tfouni, entre outros também foram mencionados nos trabalhos para representar as duas concepções de alfabetização e letramento. Ademais, nota-se que há um movimento de explicitar a importância desses dois processos, que inegavelmente são distintos, mas que devem ser ensinados em conjunto, de forma que não se torne um aprendizado descontextualizado, oferecendo mais significado e relevância ao processo de aprendizagem dos alunos (BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; CARVALHO, 2020; LIMA ,2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018; SHIBUKAWA, 2020). Essa ideia também pode ser vista em Soares (2021)

> Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente, entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização -a aquisição da tecnologia da escrita- não procede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2021, p.27)

Notou-se que o conceito de alfabetização e letramento esteve presente em boa parte dos trabalhos. Bohrer (2020), Bruno (2016), Carvalho (2020), Lima (2019), Lima (2020) e Shibukawa (2020) utilizaram-se de referências do âmbito pedagógico/educacional para isto. Ainda que Pinho (2018) e Bacaro (2020), não definam esses dois processos explicitamente em seus textos, as mesmas recorrem a conceitos presentes na área da psicolinguística e da psicologia para embasar-se sobre o processo de aquisição da língua escrita, trazendo contribuições por exemplo de Ferreiro e Teberosky, Lúria e Vygotsky. São teorias que dialogam

com o processo de alfabetização e letramento que visou-se analisar sob a perspectiva dos autistas.

O processo de aprendizagem da língua escrita para qualquer indivíduo neurotípico ou neuroatípico, se trata de um dinamismo complexo, que envolve muitas questões (BACARO, 2020; CARVALHO, 2020; SHIBUKAWA, 2020). Assim, independente de limitações orgânicas, cada sujeito aprende de uma forma e no seu tempo (CARVALHO, 2020). Lima (2019) corrobora com essa ideia, quando expõe o senso comum das professoras participantes de seu estudo, que a alfabetização está ligada ao processo de aprendizagem, e consequentemente, no caso de crianças autistas é fortemente ligada ao tempo individual de aquisição. Todavia, é preciso considerar que devido a sua complexidade, e inatismo, a alfabetização não se trata de algo natural, precisando assim ser ensinada. E o papel do professor é ser o mediador desse percurso, partindo sempre do nível de desenvolvimento real da criança, observando as necessidades e peculiaridades destas, permitindo assim uma ação mais dirigida em busca do aprendizado (LIMA, 2020; PINHO, 2018).

A partir das contribuições das teorias histórico-culturais, vislumbra-se sobre o desenvolvimento da linguagem ser essencial para o processo de aquisição da leitura e da escrita, já que é por meio dela, segundo os autores da área como Vygotsky, Luria e Leontiev, que a criança se apropria dos bens culturais e dos significados das palavras. Com isso, a linguagem verbal se torna um requisito importante para o processo de alfabetização (BACARO, 2020). Pinho (2018, p.32) também dialoga com essa ideia,

> "A aprendizagem da língua escrita ocorre a partir das interações que as crianças estabelecem com as ferramentas culturais oferecidas em seu contexto, [...]. Pela constante interação com o meio, vão construindo concepções sobre a escrita, antes mesmo de entrar na escola."

Ao passo que as crianças com TEA, possuem limitações nas interações sociais, dificultando o envolvimento com pessoas e com o meio que as cerca, grande parte desse acometimento se dá por comprometimentos na linguagem (DSM-5, 2014). Nesse sentido, é compreensível pensar que ao terem defasagens nesses quesitos, apresentarão maiores dificuldades no processo de alfabetização, tornando-se assim a prática dos docentes desafiadora. Assim, pretende-se na análise que se segue, perceber quais outros desafios no que tange a alfabetização e letramento de autistas, foram apontados nos trabalhos deste "estado do conhecimento".

Desafios identificados no processo de alfabetização e letramento de autistas

Atuar como docente no ensino regular, numa perspectiva de educação inclusiva, é desafiador. Ainda que pelos avanços permitidos a partir das discussões sobre a inclusão no campo educacional, contemplar a heterogeneidade de indivíduos inseridos nesses espaços se faz necessário. Para tanto, ir em busca de conhecimentos que favoreça a compreensão dos fatores de desenvolvimento destes é imprescindível, e a formação acadêmica pode ser um meio para isto, como afirma Lima (2020, p. 74)

> A atuação na educação como docente ou coordenador pedagógico apresenta desafios decorrentes de uma cultura escolar que se transforma diariamente e se depara com a heterogeneidade de indivíduos inseridos em linguagem de múltipla diversidade e complexidade. Diante dessa perspectiva, a formação acadêmica pode auxiliar na compreensão de fatores de desenvolvimento ontogênicos e filogênicos no ambiente escolar.

Quando falamos de indivíduos com o transtorno do espectro autista, precisamos considerar todas as características e limitações que os possam acometer, principalmente, aquelas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, pois é um aspecto que deve ser considerado no processo de aquisição da língua escrita, assim como apontado por Bacaro (2020)

> Como já dito anteriormente, o sujeito com TEA apresenta atrasos significativos na aquisição da linguagem, todavia nem sempre isso é considerado quando pensamos em idade escolar, ou seja, a criança é, muitas vezes, apresentada à alfabetização sem se apropriar dos bens culturais e de seus significados. Desse modo, a linguagem verbal passaria a ser requisito fundamental em uma etapa de alfabetização; somente com o seu domínio é que a criança com TEA estaria pronta para a escrita e para o seu significado. (BACARO, 2020, p.17)

Seguidamente, analisando os trabalhos desse estado do conhecimento, identificou-se outros aspectos importantes relacionados ao processo de alfabetização e letramento de uma criança autista, e que são colocados pelos autores como limitações desafiadoras para efetivar a aprendizagem destes.

Um importante e significativo ponto que apareceu em boa parte dos trabalhos se relaciona a defasagem na formação inicial e ou continuada dos docentes. Observou-se uma dificuldade desses profissionais em lidar com a heterogeneidade do espectro do autismo. A falta de experiência, o despreparo e a insegurança dos professores impõem barreiras atitudinais ao processo de inclusão das crianças autistas e, consequentemente, ao aprendizado da alfabetização e letramento (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; PINHO, 2018).

Concomitantemente a isso, Bohrer (2020) nos mostra que há indícios de um possível distanciamento entre os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do

ensino regular, dificultando a adaptação de materiais e atividades, sendo realizado em alguns momentos, trabalhos paralelos ao que a turma desenvolve, o que novamente contraria a ideia da escola inclusiva, e de um currículo comum a todos. “No decorrer do estudo, verificou-se que a aluna B realiza atividades diferentes daquelas oferecidas aos demais alunos. [...] As atividades de B não são adaptadas a sua realidade, dentro do contexto dos objetos de conhecimento estudados pela turma do 1º ano.” (LIMA, 2020, p.101). Bohrer (2020) também corrobora para a ideia de que a adaptação de materiais se torne um desafio substancial no aprendizado da escrita, acontecendo de forma efetiva e prazerosa.

Comportamentos considerados inadequados no contexto escolar, como não permanecer na sala de aula, irritabilidade, resistência em realizar as atividades, dentre outros, são apontados como limitantes para o processo de aprendizagem dos autistas (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019). Ao passo que essas ocorrências podem vir como consequência de comorbidades, como a hiperatividade (CARVALHO, 2020), a desestabilização por quebra de rotinas (BACARO, 2019; BOHRER,2020; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019), desregulação sensorial (BACARO, 2020), entre outros, é importante o docente ter ciência disso, para poder mediar de maneira mais adequada e propiciar uma aprendizagem mais prazerosa para a criança com TEA.

São tantos os aspectos que acometem o transtorno do espectro autista, que as mais variadas características desses indivíduos podem tornar-se limitantes para o processo de aprendizagem e da alfabetização em si. Como já mencionado, a ausência ou níveis baixos de linguagem, a falta de comunicação e interação, hiperfoco, estereotipias, dificuldades motoras, entre tantas outras, podem intensificar a dificuldade em propiciar aprendizagens significativas para estes. Vê-se assim, que o grau de comprometimento e a complexidade do transtorno, tornam-se substanciais para as práticas de alfabetização e letramento e para o alcance desta aprendizagem (CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; LIMA, 2020; SHIBUKAWA,2020). Percebendo isto, apresenta-se a seguir como o nível de comprometimento dos infantes, interferem nas práticas pedagógicas e/ou no alcance da alfabetização desses sujeitos, conforme os trabalhos analisados.

Interferências nas práticas pedagógicas e/ou alcance da alfabetização à partir dos níveis de comprometimento do TEA

No viés da Educação Inclusiva, todos os alunos, independente de suas especificidades, devem ser contemplados com práticas pedagógicas significativas. Sendo assim, é preciso que o

professor, adapte sua maneira de ensinar, percebendo seus alunos como sujeitos de potencialidades, respeitando seus tempos e individualidades, bem como considerando a atenuação das dificuldades que podem surgir durante os processos de alfabetização e letramento (CARVALHO, 2020).

Tencionando às dificuldades que podem acometer os autistas em seus processos de alfabetização e letramento, pensou-se em averiguar como os autores vêm discutindo sobre isso, e qual a interferência nas práticas pedagógicas dos docentes frente a essas particularidades. Pinho (2018) em sua revisão bibliográfica, constatou que no processo de alfabetização de crianças autistas, é significativo considerar os comprometimentos que os acometem, sendo de ordem comportamental, cognitiva ou social.

Dialogando com esse achado, percebeu-se nos trabalhos que as características, as comorbidades que podem vir associadas, bem como o grau de comprometimento dos diferentes níveis do TEA, devem ser levados em consideração tanto nas estratégias pedagógicas que deverão ser tomadas para o avanço desses alunos, bem como no avanço do processo de alfabetização (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; LIMA, 2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018; SHIBUKAWA, 2020). Contudo, apesar de constatar que os níveis de comprometimento estão entrelaçados a diferentes estratégias de ensino, Bacaro (2020) ressalva que não devem ser consideradas como fator determinante do avanço ou atraso social e cognitivo dessas crianças, pois há outros fatores externos, como a ausência de políticas públicas, que contribuem para isso (LIMA, 2020).

Bruno (2016) cita o trecho de uma entrevista[3], na qual Daniela Alonso considera ser possível haver avanços nos processos de aprendizagem de qualquer criança, independentemente da deficiência que esta seja acometida, que algumas podem ter maiores dificuldades para se alfabetizar, mas é possível desenvolver habilidades ditas necessárias. No caso dos autistas, como há um grande espectro que os difere entre si, há fatores ponderáveis quando estamos analisando o processo de aquisição da língua escrita,

> [...]Pensando em extremos, pode-se ter uma pessoa com TEA muito comprometida, com dificuldades graves de interação social, que não fala, apresentando muitas alterações comportamentais e déficits cognitivos significativos, assim como outra

[3]Numa entrevista publicada em julho/2010, com o título “24 respostas para as principais dúvidas sobre inclusão”, por Noêmia Lopes, uma das perguntas é “Quem tem deficiência aprende mesmo?”, onde Daniela Alonso responde: Sem dúvida. Sempre há avanços, seja qual for a deficiência. Surdos e cegos, por exemplo, podem desenvolver a linguagem e o pensamento conceitual. Crianças com deficiência mental podem ter mais dificuldade para se alfabetizar, mas adquirem a postura de estudante, conhecendo e incorporando regras sociais e desenvolvendo habilidades como a oralidade e o reconhecimento de sinais gráficos. "É importante entender que a escola não deve, necessariamente, determinar o que e quando esse aluno vai aprender. Nesses casos, o gestor precisa rever a relação entre currículo, tempo e espaço". (Revista Nova Escola Gestão Escolar – 07/2010, em http://planetasustentavel.abril.com.br) (BRUNO, 2016, p.83).

> pessoa com autismo com sintomas tão brandos, que fala, lê, escreve e interage bem socialmente, a ponto de um olhar leigo não conseguir perceber que a pessoa tem TEA. Essa variedade no perfil das pessoas com autismo tem que ser considerada quando se analisa o ensino de habilidades complexas, como é o caso do ensino de leitura. (LIMA, 2019, p.50)

Bacaro (2020) em seus estudos aponta que o nível de comprometimento interfere negativamente no alcance da alfabetização, visto que para esse processo acontecer é preciso que a criança tenha o pleno domínio da linguagem, um fato que muitas vezes é comprometido nos infantes autistas, ou seja, quanto maior o nível de comprometimento, menos a criança terá linguagem e mais difícil será o processo de alfabetização. "Na pesquisa, ficou evidente que a linguagem é fundamental para compreensão do mundo e essencial para o desenvolvimento das atividades propostas de apropriação da leitura e da escrita" (BACARO, 2020, p.110). Pinho (2018) parece corroborar para a ideia de que a ausência ou limitação da linguagem, comunicação verbal e não verbal, interfere no seu processo escolar.

Carvalho (2020) aponta para uma importante questão, que contribui para as práticas dos docentes, pois quando falamos de um aluno com tantas especificidades quanto um aluno autista, que é o princípio de respeitar o tempo de aprendizagem do aluno e suas individualidades. Para isso, é preciso que o professor conheça seu aluno, e tenha conhecimento sobre o transtorno do espectro autistas que o acomete (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; LIMA,2019).

No trabalho de Carvalho (2020), não ficou claro se o nível de comprometimento da criança autista pode interferir no seu processo de alfabetização, contudo, em seu estudo de caso, menciona que se a criança do estudo fosse neurotípica, estaria nas operações concretas, e que devido a sua singularidade como autista, o faz ter um atraso no processo de alfabetização. A partir desse achado, pensou-se em analisar e apontar a partir dos demais trabalhos, se todos os alunos autistas conseguem ou não serem alfabetizados.

Alcance da alfabetização por alunos autistas

A aquisição da linguagem escrita depende de diversos fatores e ferramentas culturais, sociais e interacionais. Como vimos, trata- se de um processo complexo e não inativo. Pensando em crianças com TEA que podem ser acometidas por defasagem de fatores que se relacionam diretamente com a aquisição da língua escrita, como a comunicação e interação social, buscou-se analisar como os trabalhos aqui expostos apresentam o alcance da alfabetização pelos autistas.

Bacaro (2020), Bohrer (2020), Carvalho (2020), Lima (2020) e Pinho (2020) parecem

concordar que o alcance da alfabetização por parte de autistas, não pode ser afirmado como algo recorrente, em alguns dos estudos de caso destes por exemplo, os alunos não chegaram ao nível alfabético. Contudo, afirmam-se que é inegável os avanços pelos mesmos, principalmente quando comparados com os próprios, respeitando suas especificidades.

Bruno (2016) cita Juhlin (2002) que afirma que todos seus alunos autistas, independentes do grau de comprometimentos aprenderam a ler e escrever, entretanto demandam um tempo maior de aprendizagem e requer muito esforço do docente, que deve experimentar diversas maneiras de promover o aprendizado. Bruno (2016) até acredita que pode ser utopia pensar que todos alcançarão a alfabetização, todavia o professor deve descobrir o que seus alunos precisam para progredirem em seus conhecimentos. Para tanto, não deve-se desacreditar no potencial dessas crianças (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016), e sim respeitar suas particularidades, adotando metodologias e intervenções adequadas, amenizando ou encontrando um caminho para que os autistas apropriem do aprendizado da escrita (BACARO, 2020; SHIBUKAWA, 2020).

Por outro lado, Lima (2019) nos achados de sua pesquisa, diante do relato das professoras alfabetizadoras, constatou que poucos alunos autistas conseguem ser inteiramente alfabetizados, alcançando os níveis de compreensão e abstração que a língua escrita demanda. Também percebeu que há uma variedade muito grande quando falamos da alfabetização desses indivíduos, o que de certa forma relaciona-se com as diversas características heterogêneas do transtorno, ou seja, "[...] é comum que algumas crianças com TEA tenham mais dificuldades para serem alfabetizadas, enquanto que outras atinjam essa habilidade de forma mais acelerada e sem maiores comprometimentos associados." (LIMA, 2019, p.102). Todavia, a autora também corrobora para os inegáveis avanços dos infantes que ocorrem quando comparados com seus processos iniciais, "[...]sabe-se que muitas vezes não vai ser possível alcançar a alfabetização e o letramento da criança, mas é visível que ela consiga atingir outras habilidades também consideradas importantes. [...]" (LIMA, 2019, p.107). Para tanto, ela chama a atenção para um aspecto destacado por Montagner et al (2007): é preciso que haja uma boa interação entre os profissionais da escola e a criança.

Posto isso, indaga-se se a interação entre os docentes, suas práticas, o respeito à individualidade do aluno, e os demais aspectos aqui mencionados, são os únicos fatores que interferem no alcance da alfabetização e letramento dos autistas, ou se há a interferência de outros elementos extrínsecos ao ambiente educacional, o qual será discutido no próximo tópico.

Fatores extrínsecos ao ambiente escolar que influenciam no alcance da alfabetização e letramento de crianças autistas

O processo de aprendizagem envolve diferentes instâncias, não somente o campo educacional, mas também o seio familiar e o meio social que as crianças estão inseridas. Antes de iniciar a vida escolar, as crianças vivenciam diversas aprendizagens, que podem ser promovidas pelos sujeitos que as cercam. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, afirma em seu Art. 1º, que "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais." Nesse sentido, o ambiente familiar deve-se também ser propulsor de aprendizagens para as crianças. Sendo assim essas quando chegam às escolas, já trazem consigo conhecimentos prévios e visões de mundo, que devem ser valorizadas e consideradas.

No que tange o processo de aquisição da escrita, faz-se necessário que as famílias providenciem meios para que as crianças se familiarizem com as letras, e com o mundo da escrita, através de práticas de letramento. Afinal, crianças que crescem em um ambiente onde se valoriza a cultura escrita, tendem a ter mais interesse e desejo em aprender a ler e escrever (CARVALHO, 2020).

Os trabalhos analisados apontam fortemente para o viés familiar como um fator importante e que interfere significativamente no processo de alfabetização e letramento de crianças autistas.

> [...]A contribuição dos pais nesse processo vai servir para que os seus filhos tenham mais chances de conseguir alcançar a alfabetização, visto que a continuidade e a sequência de boas estratégias voltadas para casa também terão sua relevância diante do desenvolvimento da criança. [...] (LIMA, 2019, p.63)

A relação família e escola na construção de um currículo adaptado, a participação dos pais no dia a dia escolar, e o impulsionamento por parte desses em momentos de aprendizagem se faz necessário, visto que a aprendizagem ultrapassa os muros das instituições de ensino.

Além disso, o acompanhamento multidisciplinar, derivando-se de diferentes modalidades de tratamento, como psicopedagogia, psicoterapia, fonoaudiologia, medicamentosas, e todas que forem necessárias para amenizar os acometimentos dos autistas, foi apontado por todos os autores analisados, como um fator extremamente ponderante quando falamos no processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista.

> [...] a parceria entre as Secretarias de Saúde e de Educação é fundamental, a fim de aquela ofereça tratamento clínico ao aluno com indicadores do TEA e esta realize intervenções pedagógicas, por meio da estimulação essencial, voltadas à superação

> das limitações e dos atrasos que prejudicam os processos de aprendizagem e de desenvolvimento[...]. (BACARO, 2020, p.113)

Percebe-se que à medida que as crianças autistas frequentam assiduamente os atendimentos especializados necessários para suas especificidades, os sintomas podem ser melhorados significativamente, de tal forma que propiciem uma melhor aprendizagem (BACARO, 2020). Ademais, se faz necessário a interlocução entre esses setores, educacional e da saúde, para que assim seja possível adaptar o currículo de forma a atender as especificidades do aluno (LIMA, 2020).

Bohrer (2020), Pinho (2018) e Shibukawa (2020) também pontuam para a interferência do diagnóstico e intervenções precoces na melhoria do desempenho das crianças autistas. Visto que quanto antes houver o diagnóstico, mais cedo as intervenções se iniciam, propiciando ganhos em diversas áreas do seu desenvolvimento, e consequentemente interferindo positivamente no processo de aprendizagem. Contudo, a precariedade de políticas públicas, capazes de mover os fatores externos ao ambiente educacional aqui apontados, acabam prejudicando o avanço social e cognitivo das crianças autistas, visto que alguns chegam às escolas muitas vezes sem a oportunidade de ter um efetivo acompanhamento multidisciplinar.

Portanto compreende-se que o alcance da alfabetização e letramento por essas crianças sofrem interferências de diferentes segmentos. Tal fato corrobora para as dificuldades enfrentadas pelos professores ao procederem com o processo de alfabetização de crianças autistas. Frente a todas essas interferências, cabe-nos indagar, quais estratégias os professores utilizam para tentar propiciar a aprendizagem e a alfabetização de crianças com o transtorno do espectro autista, o qual veremos no tópico que se segue.

Estratégias metodológicas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de crianças autistas

Quando falamos sobre os processos de alfabetização, nos vêm à mente sobre a questão dos métodos utilizados para esse fim. Estes são entendidos como o conjunto de estratégias metodológicas, fundamentadas em princípios e teorias que orientam o educando à aprendizagem inicial da escrita e da leitura (SOARES, 2019). Como sabemos, há diversos métodos que foram sendo postos e alternados no decorrer da história.

Ao analisar os trabalhos deste “estado do conhecimento”, a fim de identificar se haveria um método alfabetizador mais recorrente no ensino de crianças autistas, percebeu-se haver um consenso por parte dos autores que não há um único método capaz de abarcar todas as

especificidades dos autistas, as quais sabemos ser diversas (BOHRER, 2020; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018). Contudo há autores que defendem o método fônico, o qual utiliza-se do princípio de iniciar o ensino a partir dos fonemas/sons das letras, como o caminho para a alfabetização de autistas; No entanto, deve-se levar em consideração a possibilidade do aluno autista ter um comprometimento da fala, o que deve ser cuidadosamente avaliado, pois um autista não verbal, pode não compreender a correspondência entre grafema e fonema (LIMA, 2020).

Conforme já foi apresentado neste trabalho, é necessário o professor conhecer o seu aluno e sua zona de desenvolvimento proximal, e assim fazer as adaptações necessárias considerando o interesse da criança autista (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; CARVALHO, 2020; LIMA, 2019; PINHO, 2018), visto que atividades adaptadas à partir das preferências desses alunos, aproximam os infantes aos docentes, aumentando seu engajamento e o foco nas atividades (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016).

Intervenções comportamentais como o TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), a ABA (Applied Behavior Analysis), e comunicacional como o PECS (The Picture Exchange Communication System), advindas da abordagem da psicologia, também foram mencionados como suportes na educação de crianças com TEA, ao passo que são sistemas que auxiliam na regulação de comportamentos e na comunicação (BOHRER, 2020; LIMA, 2020; PINHO, 2018). Ainda em possibilidades advindas de outras áreas que podem ser incorporadas nas práticas educativas do ensino regular, foi citada a Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA), que se trata de uma "área da tecnologia assistiva voltada à ampliação de habilidades de comunicação, atendendo a pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade de falar e/ou escrever."(BRUNO, 2016, p.30), que disponibiliza cartões de comunicação, pranchas de comunicação com símbolos, pranchas de comunicação alfabéticas, entre outros. Esses recursos são mais aplicados no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no entanto podem vir a ser incorporadas na sala de aula regular (BRUNO, 2016) a fim de facilitar a comunicação entre os autistas e os demais interlocutores (SHIBUKAWA, 2018).

Recursos tecnológicos também foram apontados como importantes mecanismos que podem favorecer a aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades necessárias para o dia a dia e consequentemente a alfabetização de crianças autistas (BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; LIMA, 2020).

> O uso de recursos digitais e tecnológicos auxilia no processo de letramento e de alfabetização, considerando que alunos com TEA tem necessidade de experiências concretas devido a sua dificuldade de abstração. A utilização desses recursos mostra-se positiva e exitosa pelo fato de dispor de ferramentas atraentes e estimulantes como cores, sons e jogos, os quais tornam a aprendizagem mais lúdica, interativa e divertida. [...]. (BOHRER, 2020, p.46)

Considerando ainda o crescimento exponencial das TDICs em nossa sociedade, e a familiaridade com essas, utilizar desse suporte como forma de favorecer o aprendizado de crianças autistas configura-se como uma boa ferramenta.

O uso de imagens e materiais concretos foi apresentado em todos os trabalhos como estratégias facilitadoras para a aprendizagem e alfabetização de indivíduos com TEA. Juntamente com emprego de rotinas e antecipação de fatos o que corrobora para a compreensão dos acontecimentos por parte das crianças (BACARO, 2020; LIMA, 2020; PINHO, 2019; SHIBUKAWA,2020). Utilizar-se de linguagem clara, objetiva e sentenças curtas, evitando metáforas e meios abstratos (BOHRER, 2020; CARVALHO, 2020; LIMA,2019) contribui para o seu entendimento, visto serem áreas comprometidas no TEA.

Quanto às práticas pedagógicas que podem ser usadas para promover a alfabetização dos autistas, foram percebidas diversas, como a estimulação da consciência fonológica (PINHO, 2018; SHIBUKAWA, 2020), atividades sensoriais (PINHO, 2018), contação de histórias (LIMA, 2019; LIMA, 2020; SHIBUKAWA, 2020), trabalho com o nome desenvolvendo a identidade (LIMA, 2020; PINHO, 2018), incentivar jogos e brincadeiras em dupla ou grupo, nomear os objetos do ambiente alfabetizador e da escola, utilizar as letras com o mínimo de adereços possíveis, como “olhinhos” ou detalhes, dentre outros (LIMA, 2020). O uso de atividades lúdicas e personalizadas também foi exposto por grande parte dos autores como sendo uma prática capaz de contribuir positivamente para o processo de alfabetização e letramento das crianças autistas, visto ser significativa para estes (BACARO, 2020; BOHRER, 2020; BRUNO, 2016; CARVALHO, 2020; PINHO, 2018; SHIBUKAWA, 2020), ademais todos podem participar, favorecendo assim a aproximação dos alunos, contribuindo para o movimento inclusivo (PINHO, 2018).

Bohrer (2020, p.42) aponta para a necessidade de haver afeto entre o educando e o docente, “acredita-se, ainda, que outro fator determinante para a aprendizagem é o vínculo afetivo, de maneira que a interação entre educador e o aluno é fundamental para o êxito da prática pedagógica”. O afeto fortalece o vínculo e pode estimular a criança a querer aprender, argumenta a autora. Bruno (2016, p.76) igualmente pontua, “a afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica.

Afetividade está ligada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor-aluno. [...]" vemos assim que manter uma relação saudável e harmoniosa, não só com as crianças autistas, mas como todos os alunos, torna-se relevante.

São tantas as atribuições necessárias para o professor alfabetizador lidar com os alunos com TEA, que a necessidade de uma formação continuada se faz necessária (BRUNO, 2016; LIMA, 2019; LIMA, 2020; PINHO, 2018). Conhecer as particularidades do seu aluno, respeitando suas individualidades para assim promover aprendizagens significativas, são possibilidades e de direito, quando falamos de crianças autistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as últimas décadas, a educação brasileira passou por fortes discussões no que tange a inclusão. Romper com práticas segregacionistas e excludentes tornaram-se um viés defendido por instâncias mundiais, que consideram e valorizam os sujeitos com todas suas especificidades. A educação por sua vez vem num movimento de tensionar essas questões em suas práticas e contextos. Contudo, propiciar meios para que todos possam ter a oportunidade de aprender requer mudanças significativas de todos os atores e segmentos envolvidos nesse processo.

Considerando os anos iniciais da escolarização, a alfabetização e o letramento são processos pelos quais todos os alunos passam, essa aprendizagem é pré-requisito para as demais habilidades educacionais que os educandos devem adquirir. No que diz respeito à uma sala de aula plural, onde cada criança aprende da sua maneira e no seu tempo, legitima-se pensar em como crianças com o Transtorno do Espectro Autistas perpassam por esse processo de aquisição da língua escrita. Para isso, este trabalho teve como intuito mapear e analisar pesquisas que abordam esta temática, de forma a contribuir para a formação inicial e continuada de professores do ensino básico, ao passo que foram discorridos e identificados os diversos aspectos que interferem na aprendizagem e no alcance da alfabetização de crianças autistas.

A partir do questionamento inicial, de como ocorre a alfabetização e letramento de crianças autistas, e quais as estratégias de ensino utilizadas para isso, percebeu-se que os estudos apontam para alguns fatores que interferem substancialmente nesses processos, como o grau de comprometimento, os sintomas e as comorbidades, bem como a ausência de capacidades interacionais e comunicacionais, que podem prejudicar a aprendizagem, e consequentemente a alfabetização e letramento por parte destes.

Observou-se que para além das características do transtorno, outros pontos podem se tornar desafios para o processo de ensino dessas crianças, como os comprometimentos comportamentais, que podem derivar de quebras de rotinas ou desmodulações sensoriais. Para tanto, há indícios que métodos comportamentais advindos da área da psicologia podem favorecer a comunicação e aprendizagem dos autistas, tornando-se um aliado às práticas pedagógicas.

A defasagem na formação dos docentes para lidar com crianças autistas, somadas a inseguranças e falta de experiências, foi apontado como um desafio substancial, ao passo que tendem a contribuir para barreiras atitudinais, uma vez que não saber como proceder com estes alunos, distanciam os professores das práticas inclusivas, diante disso a formação continuada é

apontada como necessária.

Quanto às estratégias metodológicas capazes de fazer com que crianças autistas avancem nos processos de alfabetização, ficou claro não haver um único método ou prática pedagógica capaz de abarcar todos os autistas, uma vez que temos um vasto espectro de singularidades dentro do transtorno. Contudo, foi possível identificar algumas estratégias apontadas como forma de propiciar a aprendizagem e alfabetização dessas crianças, dentro delas estão: o uso de imagens e materiais concretos, estimulação da consciência fonológica, uso de narrativas curtas e objetivas, intervenções trabalhando com o nome, rotina e antecipação dos fatos através de imagens, nomeação dos objetos do ambiente alfabetizador, contação de histórias, atividades lúdicas, uso de tecnologias e adaptação de atividades à partir do gosto da criança. Para esse último ponto, constatou-se que é necessário o docente conhecer bem seu aluno, entendendo suas limitações e preferências, para assim poder investir em práticas e atividades que vão de encontro com os interesses da criança, visto ser uma forma de aproximar o aluno do professor, devido ao seu maior engajamento e foco no desenvolvimento destas.

O alcance da alfabetização por crianças autistas não pode ser afirmado como certeza, devido aos diversos elementos como aqui mencionados, que interferem diretamente para isso. Além disso, fatores extrínsecos ao ambiente escolar também foram identificados como potencializadores, exemplo: a participação dos pais, o acompanhamento multidisciplinar e o uso de medicamentos. Ao passo que a ineficiência/ausência de políticas públicas que propiciem o avanço social e cognitivo desses indivíduos, somados aos diagnósticos tardios, limitam o melhor desenvolvimento dos autistas, interferindo no processo de alfabetização e letramento destes. Contudo, ao somar-se todos os fatores à favor de suas aprendizagens, notou-se que todas as crianças autistas tiveram avanços significativos nesses processos quando comparados a si mesmos, e respeitando suas particularidades.

Diante de todos os dados encontrados e analisados, percebemos que o campo de estudo sobre a alfabetização e letramento na perspectiva de alunos com o transtorno do espectro autistas ainda são limitados e recentes, o que corrobora para a importância de maiores estudos. Aos docentes cabe-se a busca contínua por informações para que possam se sentir mais seguros para ensinar crianças autistas na aprendizagem da alfabetização e letramento, bem como seu progresso como um todo, rompendo-se com barreiras atitudinais num movimento contínuo de inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAPITO, Juliano; RIBEIRO, Sonia M. A formação inicial de professores na perspectiva da educação inclusiva: um olhar para a diversidade. **X Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Reunião Científica Regional da ANPED**. Florianópolis. Anais da X ANPED SUL, p. 1-20, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2014. 948 p.

BACARO, Paula E. F. **Transtorno do Espectro Do Autismo e integração sensorial**: o processo de aquisição da leitura e escrita em uma abordagem responsiva de aprendizagem. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa De Pós-Graduação Em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

BOHRER, Karine de A. P. **O ensino personalizado e o protagonismo de uma criança com TEA em processo de alfabetização**. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa De Pós-Graduação Em Letras, Universidade Feevale, Nova Hamburgo, 2020.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. **Presidência da República, Casa Civil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em: 22 de mar. de 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 07 de ago. de 2021.

BRUNO, Daniele L. D. F. **Síndrome De Asperger**: práticas inclusivas no processo de alfabetização/letramento. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2016.

CARVALHO, Aline A. **A contribuição de um trabalho personalizado ao processo de letramento e de alfabetização de uma criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA**. 2020. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa De Pós-Graduação Em Letras, Universidade Feevale, Nova Hamburgo, 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia prática educativas na escola e na família. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2014. 140 p.

FREITAS, Soraia N. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. 1.ed. São Paulo: Summus, 2006, p. 161-181.

LIMA, Aluna X. **Desafios da inclusão**: alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista (TEA). 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Programa De Mestrado Interdisciplinar Em Ciências Humanas, Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2020.

LIMA, Nara R. C. **Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista**: representações do professor. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2019.

PINHO, Mariana C. **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: uma intervenção no contexto escolar. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

PINTO, Rayssa N. M., et al,. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2016 set;37(3):e61572. doi: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572

ROMANOWSKI Joana P.; ENS, Romilda T. As Pesquisas Denominadas Do Tipo "Estado Da Arte" Em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SHIBUKAWA, Priscila H. **Vestindo os óculos da pedagogia waldorf**: inclusão, alfabetização e transtorno do espectro autista. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, v. 29, p. 19-22, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. 384 p.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. 352 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro de trabalhos encontrados nos sites da CAPES e BDTD

	Título	Autor	ANO	Instituição	Situação
1	Padrões Neurais E Dialógicos Que Informam Um Self	Daniela Benites	2010	UFRGS	Descartado
2	Comunicação Aumentativa E Alternativa Para Sujeitos Com Transtornos Globais Do Desenvolvimento Na Promoção Da Expressão E Intencionalidade Por Meio De Ações Mediadoras	Maria Rosangela Bez	2010	UFRGS	Descartado
3	A Tecnologia Assistiva Digital Na Alfabetização De Crianças Surdas	Josilene Souza Lima Barbosa	2011	UFS	Descartado
4	Estilo De Vida De Adolescentes Com Transtorno Autista	Gabriela Padilha Hax	2012	UFPEL	Descartado
5	Incidências Do Educar No Tratar: Desafios Para A Clínica Psicanalítica Da Psicose Infantil E Do Autismo	Marise Bartolozzi Bastos	2012	USP	Descartado
6	Avaliação De Um Procedimento Para Aquisição De Leitura Em Crianças Com Diagnóstico De Autismo	Larissa Chaves De Sousa Santos	2012	PUC-SP	Descartado
7	Que Diz O Desenho?: Um Estudo De Caso Sobre A Função Do Desenho Na Clínica Com Criança	Camila Ribeiro Lage	2013	UNICAMP	Descartado
8	A Inclusão Escolar De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista Em Municípios Da 4ª Colônia De Imigração Italiana, Rs: Um Olhar Sobre As Práticas Pedagógicas	Fabiane Dos Santos Ramos	2014	UFSM	Descartado

9	SCALA : Sistema De Comunicação Alternativa Para Processos De Inclusão Em Autismo: Uma Proposta Integrada De Desenvolvimento Em Contextos Para Aplicações Móveis E Web	Maria Rosangela Bez	2014	UFRGS	Descartado
10	Programa De Leitura Para Pessoas Com Diagnóstico De Autismo	Leana Vilmar Bernardes	2015	PUC-GOIAS	Descartado
11	Por Trás Do Espelho De Alice: Narrativas Visuais Como Estratégias De Inclusão De Crianças Com Transtorno Do Espectro Do Autismo	Barbara Terra Do Monte	2015	UFRGS	Descartado
12	Ao Não Saber O Que Fazer, A Intuição Me Guiou	Elaine Cristina Pereira Da Silva	2015	UFF	Descartado
13	A Presença De Alunos Autistas Em Salas Regulares, A Aprendizagem De Ciências E A Alfabetização Científica: Percepções De Professores A Partir De Uma Pesquisa Fenomenológica	Viviana Freitas da Silva	2016	UNESP	Descartado
14	Síndrome De Asperger: Práticas Inclusivas No Processo De Alfabetização/Letramento	Daniele Lúcia De Freitas Bruno	2016	UNIGRANRIO	Selecionado
15	A Aprendizagem Do Aluno Autista: Estudo De Caso Na Umef “Diretora Zdméa Camargo” – Vila Velha / Es	Cleudione Guimaraes Franca Sasso	2016	FVC	Descartado
16	Representação Social Dos Professores De Aluno Com Autismo Sobre Os Processos De Ensino E Aprendizagem	Claudia Elci Bervig Lemos	2016	UNIJUI	Descartado
17	Aplicação De Um Programa De Ensino De Leitura E Construção De Sentenças Para Crianças Com Autismo	Glenda Miranda Da Paixao	2016	UFPA	Descartado

18	Método De Alfabetização Para Alunos Autistas (Mapa): Alternativa Da Clínica- Escola Do Autista	Gisele Soares Rodrigues Do Nascimento	2016	UFF	Descartado
19	Validação Empírica De Uma Abordagem Para Alfabetização De Autistas Utilizando Aplicativos Para Dispositivos Móveis	Ezequiel Batista Farias	2017	UFAL	Selecionado
20	Introduções Ao Sistema De Numeração Decimal A Partir De Um Software Livre: Um Olhar Sócio-Histórico Sobre Os Fatores Que Permeiam O Envolvimento E A Aprendizagem Da Criança Com Tea	Ieda Clara Queiroz Silva Do Nascimento	2017	UFPA	Descartado
21	O Ensino De Geografia E Os Mapas Mentais De Crianças E Adolescentes Com Transtorno Do Espectro Autista No Município De Duque De Caxias – Rj.	Marilza Santos Da Silva	2017	UFRRJ	Descartado
22	Comportamento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista Participantes De Um Programa De Alfabetização Motora	Katia Kamila Felix De Lima	2017	UERN	Descartado
23	Narrativas Sobre Inclusão De Crianças Com Necessidades Educacionais Especiais Em Uma Escola Municipal De Educação Básica De Cuiabá - Mt	Sandra Pavoeiro Tavares Carvalho	2017	UFMT	Descartado
24	Emergência De Relações Auditivo-Visuais Via Treino Por CRMTS Para Crianças Diagnosticadas Com Tea	Jacqueline Iukisa Faustino Calado	2017	UFPA	Descartado
25	Acompanhamento Terapêutico Na Escola: Entre O Educar E O Analisar	Lenara Spedo Spagnuolo	2017	USP	Descartado
26	Um Aplicativo Para Auxiliar Na Alfabetização De Indivíduos Com Autismo	Pedro De Moura Garcia	2018	UFSM	Selecionado

27	Contribuições Do Uso De Atividades Lúdicas Em Sala De Aula, Para O Desenvolvimento E Aprendizagem De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea): Uma Intervenção No Contexto Escolar	Mariana Campos Pinho	2018	UFPEL	Selecionado
28	O Currículo De Escolarização De Alunos Com Tea No Ciclo I Do Ensino Fundamental Da Emeif Rotary: Problematizações Sobre O Conteúdo Escolar	Jessica Ferreira Nunes	2018	UFPA	Descartado
29	A Contação De Histórias E O Desenho Mediados Por CAA Como Estratégias Pedagógicas No Desenvolvimento Da Simbolização Da Criança Com TEA: Um Estudo De Caso	Deise Da Silva Fontoura	2018	UFRGS	Descartado
30	Alfabetização E Inclusão: O Trabalho Com A Consciência Fonológica E O Desenvolvimento Da Escrita Em Um Aluno Com Deficiência Intelectual	Ariana Santana Da Silva	2018	UFPE	Descartado
31	A Prática Pedagógica Do Professor Do Atendimento Educacional Especializado Do Município De Caucaia- Ce: Uma Análise Sobre O Uso Do Software Luz Do Saber Na Sala De Recurso Multifuncional	Maria Do Socorro Moraes Soares Rodrigues	2018	UFC	Descartado
32	Jogos Adaptados Com Comunicação Alternativa: Mediação No Letramento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	Bianca Nunes Peixoto	2018	UFRGS	Selecionado
33	Introduções Ao Sistema De Numeração Decimal A Partir De Um Software Livre: Um Olhar Sócio-Histórico Sobre Os Fatores Que Permeiam O Envolvimento E A Aprendizagem Da Criança Com Tea	Iêda Clara Queiroz Silva Do Nascimento	2018	UFPA	Descartado

34	Um Parser Semântico Para Comunicação Aumentativa E Alternativa	Augusto Lazzarotto De Lima	2018	UFPE	Descartado
35	O Letramento Literário Na Escola: Uma Experiência Com Crianças Autistas Em Campo Grande - Ms	Tatiane Lobo Pereira Araujo	2019	UEMS	Descartado
36	Despertar Para A Leitura: Uma Proposta De Letramento Emergente Para Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea)	Viviane Cristina De Mattos Battistello	2019	UNIVERSIDADE FEEVALE	Descartado
37	O Uso De Tecnologias Digitais Educacionais Para O Favorecimento Da Aprendizagem Matemática E Inclusão De Estudantes Com Transtorno Do Espectro Autista Em Anos Iniciais De Escolarização	Andiara Cristina De Souza	2019	UNIFAL-MG	Descartado
38	Jogo Assistivo Para Auxiliar No Processo De Alfabetização De Crianças Com Transtornos Do Espectro Do Autismo	Maicris Fernandes	2019	PUCPR	Selecionado
39	Contação De Histórias No Ensino-Aprendizagem De Ciências Na Perspectiva Da Inclusão	Helen Do Socorro Rodrigues Dias	2019	UFPA	Descartado
40	“É Possível Mudar?”: Práticas Pedagógicas De Professores De Sala De Aula Que Atuam Na Alfabetização De Estudantes Com Deficiência Intelectual'	Lilianne Moreira Dantas	2019	UFC	Descartado
41	Aproximações E Distanciamentos Entre As Estratégias De Ensino E A Aprendizagem Dos Estudantes Com Transtorno Do Espectro Do Autismo	Walneide Massett Olimpio Pereira	2019	FUVATES	Descartado
42	Funções Executivas E Leitura De Palavras E Pseudopalavras Em Crianças Alfabéticas	Ana Carolina Martins Cortez	2019	USP	Descartado

43	Aplicativo Aca (Aprendendo Com Comunicação Alternativa) Para Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	Maria Renata De Mira Gobbo	2019	UEL	Selecionado
44	O Uso De Tecnologias Digitais Educacionais Para O Favorecimento Da Aprendizagem Matemática E Inclusão De Estudantes Com Transtorno Do Espectro Autista Em Anos Iniciais De Escolarização	Andiara Cristina De Souza	2019	UNIFAL-MG	Descartado
45	Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista: Representações Do Professor	Nara Raquel Cavalcanti Lima	2019	UFPE	Selecionado
46	A Contribuição De Um Trabalho Personalizado Ao Processo De Letramento E De Alfabetização De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista - Tea	Aline Aguiar De Carvalho	2020	UNIVERSIDADE FEEVALE	Selecionado
47	Desafios Da Inclusão: Alfabetização De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea)	Aluana Xavier De Lima	2020	UNISA	Selecionado
48	Transtorno Do Espectro Do Autismo E Integração Sensorial: O Processo De Aquisição Da Leitura E Escrita Em Uma Abordagem Responsiva De Aprendizagem	Paula Edicleia Franca Bacaro	2020	UEM	Selecionado
49	O Ensino Personalizado E O Protagonismo De Uma Criança Com Tea Em Processo De Alfabetização	Karine De Almeida Peters Bohrer	2020	UNIVERSIDADE FEEVALE	Selecionado
50	As Práticas Pedagógicas Do Professor Do Atendimento Educacional Especializado (Aee), Por Meio Do Uso Da Comunicação Aumentativa Alternativa (Caa) Junto À Crianças Que Apresentam Deficiência Intelectual (Di)'	Renata Carneiro Ramos	2020	UFC	Descartado

51	Vestindo Os Óculos Da Pedagogia Waldorf: Inclusão, Alfabetização E Transtorno Do Espectro Autista	Priscila Hikaru Shibukawa	2020	UNESP	Selecionado

Legenda: Foi utilizado os descritores: “Alfabetização e Autismo”, “Alfabetização e Letramento de Autistas”, “Alfabetização de Autistas”, “Aquisição da escrita e Autismo”, “Alfabetização e Autismo e Inclusão”, “Alfabetização e Letramento e TEA”, “Alfabetização e TEA” nos anos de 2010-2020

APÊNDICE B - Quadro síntese dos primeiros trabalhos pré-selecionados contendo objetivo, metodologias e principais resultados

Trabalho	Autor	Objetivo	Metodologia	Resultado
Síndrome De Asperger: Práticas Inclusivas No Processo De Alfabetização/Letramento	BRUNO, Daniele Lúcia de Freitas	Investigar a influência das condições de acesso e permanência de pessoas com transtorno do espectro do autismo nos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CAp – ISERJ), indagando como se dá o processo de inclusão destas nos diferentes contextos da vida escolar, tendo como foco o estudo acerca do processo de aquisição da leitura e escrita de um aluno com diagnóstico de Síndrome de Asperger.	A metodologia adotada na pesquisa foi o estudo de caso, com emprego dos seguintes instrumentos para coleta de dados: entrevistas dirigidas aos docentes e familiares e análise descritiva de materiais didáticos do aluno.	Por meio das entrevistas observou-se que apesar das iniciativas da grande maioria dos professores para o melhor atendimento dos alunos incluídos, os mesmos precisam de Formação Continuada voltada para a Educação Especial e Inclusiva, sendo poucos a possuir a especialização. Também percebeu-se que nem todos adaptam os materiais didáticos e atividades de modo a motivar o aluno com TEA.

Validação Empírica De Uma Abordagem Para Alfabetização De Autistas Utilizando Aplicativos Para Dispositivos Móveis	FARIAS, Ezequiel Batista	Realizar um experimento para validar uma abordagem, em sua versão tecnológica, já utilizada dentro do processo interventivo de pessoas com autismo de forma convencional com o intuito de desenvolver habilidades dentro do processo alfabetizador, chamada TEACCH.	O método de pesquisa escolhido foi o delineamento experimental, por se tratar de uma averiguação empírica, com dois grupos e duas abordagens distintas, delineamento em quadrado latino foi escolhido.	Como resultados, foi levantado que parte considerável da amostra apresentou redução nos índices em todas as variáveis investigadas, inclusive para alguns participantes esta redução foi mais evidente com o uso da tecnologia. Ao fim das sessões não foi possível afirmar que houveram aprendizados, mas ficou claro que em condições normais, livres de fatores externos como distrações, o uso de tecnologia pode impactar positivamente na cognição de crianças autistas.
Um Aplicativo Para Auxiliar Na Alfabetização De Indivíduos Com Autismo	GARCIA, Pedro de Moura	Desenvolver e validar um aplicativo para dispositivo móvel, que tem como objetivo auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo.	O aplicativo foi desenvolvido a partir de requisitos da bibliografia existente sobre o assunto, e utilizando o conhecimento de uma profissional formada na área e que trabalha diretamente com usuários com TEA.	Os resultados preliminares demonstram que a aplicação teve boa aceitação e compreensão das atividades propostas e facilidade na utilização por crianças com TEA.

Contribuições Do Uso De Atividades Lúdicas Em Sala De Aula, Para O Desenvolvimento E Aprendizagem De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea): Uma Intervenção No Contexto Escolar	PINHO, Mariana Campos	A pesquisa investigou se a realização de atividades lúdicas em contexto inclusivo, isto é, em contexto de sala de aula regular, auxilia no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente na área da escrita.	A metodologia utilizada foi pesquisa do tipo intervenção que buscou a compreensão do processo de desenvolvimento e aprendizagem de um aluno com TEA, mediante a realização de atividades lúdicas junto a seus pares em sala de aula regular. Segundo a autora, a análise e interpretação dos dados foi efetivada a partir do método micro genético (GÓES,2000) e análise de conteúdo do tipo temática (Minayo,1993).	Os resultados indicaram que a aplicação de atividades lúdicas em contexto inclusivo gera um grande benefício no aprendizado de crianças com TEA, promovendo o aumento da interação social, a partir do desenvolvimento da habilidade de atenção compartilhada, provocando progressos significativos na comunicação e compreensão do universo letrado.

Jogos Adaptados Com Comunicação Alternativa: Mediação No Letramento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	PEIXOTO, Bianca Nunes	Analisar como jogos de alfabetização adaptados com Comunicação Alternativa podem auxiliar no letramento de crianças com TEA matriculados nos primeiros anos de escolarização.	A pesquisa foi de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso com intervenção. Para atender aos objetivos propostos, as etapas da pesquisa envolveram a seleção do campo e dos sujeitos, a construção do perfil sócio-histórico dos sujeitos, a seleção dos jogos, a adaptação dos mesmos e, finalmente, o planejamento das intervenções e sua posterior análise.	Pode- se perceber como é importante o uso da Comunicação Alternativa como estímulo externo para aquisição da escrita, conforme explicitado por Vygotsky (1991), autor esse um grande expoente da teoria sócio-histórica – base epistemológica desta pesquisa.

Alfabetização De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista: Representações Do Professor	LIMA, Nara Raquel Cavalcanti	Avaliar a representação do professor acerca do processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Trata-se de um estudo de abordagem quanti-qualitativa, de natureza exploratória, que foi realizado na cidade de Patos-PB, com professores de escolas das redes pública e privada, de salas de aula regulares. Como critério de inclusão, o professor deveria ter experiência na alfabetização de crianças com TEA. A coleta de dados se deu em duas etapas: a primeira etapa foi iniciada através da Técnica de Associação Livre (TAL) e na segunda, o Procedimento de Classificações Múltiplas, que inclui o Procedimento de Classificação Livre (PCL) e o Procedimento de Classificação Dirigida (PCD), bem como uma Entrevista Narrativa (EN).	Os resultados obtidos nas primeiras fases do estudo demonstraram que os professores representam a alfabetização de crianças com TEA como sendo fortemente associada à participação dos pais no decorrer do percurso da criança pelo ciclo de alfabetização. Na entrevista narrativa, os resultados expostos mostraram existir heterogeneidade no que concerne às características de infantes com TEA, expondo que alguns são mais comprometidos que outros, inclusive nos aspectos envolvendo a alfabetização.

Aplicativo ACA (Aprendendo Com Comunicação Alternativa) Para Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	GOBBO, Maria Renata de Mira	Apresentar um aplicativo, denominado ACA (Aprendendo com Comunicação Alternativa) desenvolvido para plataformas mobile com o objetivo de auxiliar o processo de alfabetização de crianças com TEA por meio de PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), empregando pictografias relacionadas às Atividades de Vida Diária (AVDs).	A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem quantitativa e qualitativa, nas seguintes etapas: Estudo sobre as características dos indivíduos com TEA; Análise dos jogos existentes e suas características; Desenvolvimento do aplicativo para auxiliar no processo de alfabetização; Definição do design do aplicativo; Realização da validação das cores do background; Realizar um estudo para verificar se o uso da gamificação ajuda a motivar a criança com TEA a continuarem a utilizar o ACA; Realização da validação de usabilidade do aplicativo; E por fim realizar um estudo para verificar se as crianças aprenderam as palavras do aplicativo.	Após a análise dos dados coletados foi verificado pelo autor que o aplicativo ACA (Aprendendo com Comunicação Alternativa) auxilia principalmente no reconhecimento de imagens, percebendo o ganho de vocabulário das crianças. Essa percepção foi observada pelos 28 participantes autistas da pesquisa.

Jogo Assistivo Para Auxiliar No Processo De Alfabetização De Crianças Com Transtornos Do Espectro Do Autismo	FERNANDES, Maicres	Avaliar a potencialidade do uso de jogos digitais como tecnologias assistivas de apoio ao processo de alfabetização de crianças que manifestam os TEA.	A pesquisa foi conduzida em uma escola de Curitiba, tendo por participantes quatro especialistas da área de educação especial cujos alunos são alfabetizados empregando o método ABACADA. A metodologia utilizada corresponde a uma pesquisa qualitativa de intervenção. O estudo foi dividido em duas fases principais: desenvolvimento e validação.	A partir do levantamento das atividades do método ABACADA, o autor desenvolveu o jogo TEAbá, com todas as suas funcionalidades focadas para atender às necessidades de crianças com TEA. Pela avaliação dos participantes especialistas da área, o jogo TEAbá mostrou-se potencialmente útil como ferramenta assistiva para auxiliar no processo de alfabetização de crianças com TEA.

Vestindo Os Óculos Da Pedagogia Waldorf: Inclusão, Alfabetização E Transtorno Do Espectro Autista	SHIBUKAWA, Priscila Hikaru	Descrever e analisar o processo inicial de alfabetização e letramento, considerando uma classe comum com um aluno diagnosticado com TEA, desenvolvido em contexto de Pedagogia Waldorf.	A metodologia de pesquisa foi qualitativa participante. Participaram da pesquisa 8 alunos e a professora da turma. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram o diário de campo, histórias pedagógicas e as fotografias das produções dos alunos.	Os resultados indicam que houveram avanços significativos no desenvolvimento da linguagem escrita dos alunos público-alvo da pesquisa, partindo do desconhecimento da correspondência entre grafemas e fonemas, chegando à escrita com sentido, significado e autonomia. Destacou-se também a questão da inclusão de todos os discentes nesse processo.

A Contribuição De Um Trabalho Personalizado Ao Processo De Letramento E De Alfabetização De Uma Criança Com Transtorno Do Espectro Autista - Tea	CARVALHO, Aline Aguiar de	Investigar as contribuições de um ensino personalizado para o desenvolvimento dos processos de letramento e de alfabetização de um aluno com diagnóstico de TEA diagnosticando o nível de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA; desenvolvendo e aplicando atividades personalizadas que visem ao desenvolvimento dos processos de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA; e por fim avaliar as contribuições dessas atividades personalizadas elaboradas para o desenvolvimento dos processos de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA.	A pesquisa realizada para este trabalho, do ponto de vista de sua natureza, é aplicada, com abordagem qualitativa. Em relação aos objetivos é explicativa, caracterizando-se como bibliográfica e também como uma pesquisa-ação.	Foi desenvolvido um manual com atividades práticas que possam contribuir para o desenvolvimento dos processos de letramento e de alfabetização de crianças com TEA. Contudo, não alcançou todos os objetivos propostos, uma vez que não foi possível aplicar o material criado devido a pandemia, o que de certa forma prejudicou em responder a questão principal deste trabalho que foi em que medida um trabalho personalizado contribui para os processos de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA.

Desafios Da Inclusão: Alfabetização De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea)	LIMA, Aluana Xavier de	Proporcionar análise e reflexão acerca dos processos de alfabetização, como forma de inclusão de alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola municipal situada na periferia de São Paulo.	A metodologia deste estudo foi de ordem qualitativa, de observação participante, em uma escola municipal da periferia da zona sul de São Paulo, onde contou com 14 integrantes envolvidos direta e indiretamente na asserção do TEA, sendo alunos, professores, diretora, coordenadora pedagógica e auxiliares de classe.	Diante dos dados colhidos e das vivências compartilhadas, foi possível considerar que o processo de alfabetização de indivíduos com TEA enfrenta diversos desafios que vão desde a concepção de aprendizagem destes, que exime o modelo biológico, e fatores externos como a falta de políticas públicas que possam contribuir para o avanço social e cognitivo dessas crianças.

O Ensino Personalizado E O Protagonismo De Uma Criança Com Tea Em Processo De Alfabetização	BOHRER, Karine de Almeida Peters	Investigar em que medida um trabalho personalizado contribui para o desenvolvimento do processo de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA no ensino regular. Analisando o nível de letramento e de alfabetização de um aluno com TEA, para fazer um diagnóstico de seu nível de conhecimento; e elaborar e aplicar práticas pedagógicas direcionadas ao letramento e à alfabetização de um aluno com TEA, desenvolvendo um manual com atividades práticas que possam contribuir com o processo de letramento e de alfabetização de crianças autistas.	A metodologia usada é de uma abordagem quantitativa, uma vez que a investigação visa avaliar métodos e formas de letramento e de alfabetização de uma criança autista matriculada e frequentando regularmente uma escola privada de ensino regular no município de Campo Bom/RS. E do ponto de vista técnico, apresenta também uma pesquisa bibliográfica.	As implicações educacionais desta pesquisa evidenciam o avanço no desenvolvimento da linguagem escrita do sujeito da pesquisa por meio da distinção de números e letras, posteriormente, dos signos linguísticos e, no fim da aplicação das atividades, a demonstração de conhecimento sobre a funcionalidade da escrita.

Transtorno Do Espectro Do Autismo E Integração Sensorial: O Processo De Aquisição Da Leitura E Escrita Em Uma Abordagem Responsiva De Aprendizagem	BACARO, Paula Edicleia Franca	Verificar como uma intervenção pedagógica com atividade interativa pautada na abordagem responsiva de aprendizagem com material estruturado pode contribuir para a aquisição da leitura e da escrita em alunos com TEA, considerando a integração sensorial e a linguagem.	Foi desenvolvido uma pesquisa qualitativa, do tipo intervenção pedagógica. Com a finalidade de atender aos objetivos propostos, foram organizados alguns passos de coleta, de análise e de seleção das pessoas para a pesquisa.	Constatou-se que todas as crianças alcançaram níveis mais avançados na aquisição da leitura e da escrita, o que representa um resultado positivo quanto ao processo de intervenção para a alfabetização dessas crianças com TEA. E ainda, observou-se que a aquisição da leitura e da escrita esteve associada ao desenvolvimento da linguagem, à integração sensorial, à brincadeira interativa e ao material estruturado.